



UNICAMP

EVENTO: Ópera "Narcissus"
Beat Furrer / Gerald Thomas

VEÍCULO: Folha de São Paulo

DATA: 04 de outubro de 1994

PÁGINA: 5 - 3

SEÇÃO: Ilustrada



Gerald Thomas acha feio o que é espelho

O diretor fala sobre sua ópera "Narcissus", apresentada na Áustria, em que questiona a arte moderna

LUÍS ANTONIO GIRON

Enviado especial a Graz (Áustria)

Gerald Thomas, 40, estreou no último sábado em Graz (Áustria) a ópera "Narcissus", que fez em parceria com o compositor suíço Beat Furrer, 40, por encomenda do festival de vanguarda Outono Estírio, um dos mais importantes da Europa no gênero.

A obra recebeu oito minutos de aplausos do público de convidados da Ópera de Graz.

"Narcissus" volta a ser apresentada amanhã, sexta e dia 12. No ano que vem, excursiona pelos EUA e pela Europa. O CD do espetáculo deverá ser lançado também em 1995, pela gravadora alemã Deutsche Grammophon. Thomas prepara duas óperas para o ano que vem: "Zaide", inédita de Mozart, com música completada pelo italiano Luciano Berio, a estrear em Praga em setembro, e "Doktor Faustus", de Busoni, para outubro no Outono da Estíria. Para 96, promete "Tristão e Isolda" em ritmo de samba-enredo.

★
Folha - Como você elaborou o libreto de "Narcissus"?

Gerald Thomas - Trabalhei com as "Metamorfoses" de Ovídio e o romance "O Inominável" (The Unnameable), de Samuel Beckett. Retirei de Ovídio frases beckettianas que lidam com a distorção do rosto, a incapacidade de descrever uma situação e a incapacidade de relacionamento. Mas o fundamento é beckettiano.

Minha contribuição é enxugar e escolher trechos em terceira pessoa falados por Narciso quando se refere a si próprio. Fixei a fala de Narciso em alemão e a de Eco em latim. Beckett lia os clássicos para se inspirar. "O Inominável" pode ser descrito como "a triste trajetória de Narciso pelas metamorfoses da vida". Na ópera, Narciso está na condição do solista que, ao fim, tem que se juntar ao coro.

Folha - Em "Narciso" há uma proliferação de duplos. Por que sua obsessão pelo tema?

Thomas - É a história da minha vida. Sou brasileiro, inglês, americano e alemão ao mesmo tempo. Essa coisa de não ter raízes não é tão bom quanto as pessoas pen-



Cena da ópera "Narcissus", de Gerald Thomas e Beat Furrer

sam. Para cada momento de felicidade existe tristeza porque não adianta ser vitorioso sozinho. Existe um idealismo humanístico em mim. Uma grande alma não é narcisista. Apesar de eu ter uma carcaça narcisista, minha alma humanista é contrária.

Folha - De que forma se realiza a autoparódia na sua ópera?

Thomas - Meu nome excedeu minha capacidade profissional. Virou um ícone da megalomania. Dizem que eu apareço mais que minhas peças. Se isso é assim, tenho alguma culpa no cartório. Deixei claro em 1992 que não ia mais fazer teatro sério.

Folha - Como você critica a arte contemporânea na ópera?

Thomas - O propósito da arte experimental foi digno quando começou. Mas aí apareceram as instituições tipo Documenta de Kassel e aquilo que surgiu como experimento que devia ser vivido e jogado fora virou obra de milhões de dólares. A arte virou objeto de metáforas particulares, pessoais. O artista de hoje acha que basta ele entrar no palco para ser aplaudido.

Este é o motivo do fracasso da arte contemporânea. Na ópera, esse fracasso está expresso na imagem do toureiro. Narciso quer ser um toureiro, que aparece desafiando um touro impotente. De repente, touro e toureiro são embalados e expostos num museu.

Folha - E seu "Tristão e Isolda"?

Thomas - A ópera terá lugar numa favela carioca. Tristão é carpinteiro e compositor de escola-de-samba. Isolda, lavadeira. Tristão fica sabendo que existe a ópera, identifica-se com ela e resolve compor um samba-enredo. O espanhol Antonio Mayo, que vai reger a orquestra, achou ótima a idéia de alterarmos a partitura de Wagner para ritmo de samba.

Ópera crítica o 'yuppismo'

Do enviado a Graz

O expressionista pós-moderno Gerald Thomas passa por uma fase cômica e autoparódica. Está reciclando para o riso o que realizou seriamente nos últimos dez anos. É uma crítica bem-humorada ao "yuppismo" das artes na última década.

A simbologia, o uso de ícones wagnerianos, o absurdo pessimista de Beckett e o virtuosismo cênico aparecem em "Narcissus".

No entanto, a exemplo de suas peças recentes, esses elementos recebem tratamento cômico e se distanciam do impulso que os gerou. Thomas se converte no quase antiThomas.

Quase, já que o arcabouço é o mesmo. O estilo se mantém refratário a interpretações diretas. Thomas justapõe planos cênicos, da historinha paródica à alegoria. A justaposição combina com a música neo-serial de Furrer.

Narciso —interpretado pelo barítono alemão Hannes Hellmann e pelo tenor norte-americano Eugene Procter— tem 40 anos e é vaidoso e ambíguo, como Thomas e Furrer. A personagem feminina —Eco, feita pela excelente soprano romena Roxandra Donose, 30— ama e sobrevive a Narciso.

Thomas e Furrer pretendem mostrar que a arte contemporânea está impotente e infensa aos mitos. (LAG)